



Cultura e bibliotecas patrimoniais

Henrique Barreto Nunes*

Nos dias de hoje, em plena sociedade da informação e do conhecimento, o património escrito e gráfico que as nossas grandes bibliotecas públicas ciosamente conservam será útil para promover e divulgar a cultura, quando a busca de informação parece ter-se tornado o objectivo prioritário a alcançar pela imensa maioria dos que as frequentam, presencial ou cada vez mais virtualmente?

Os fundos patrimoniais das nossas mais importantes bibliotecas (a Nacional, as do Porto, Évora, Braga e Lisboa e ainda a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra) são constituídos pelos mais variados tipos de documentos: livros, publicações periódicas e impressos diversos, manuscritos, gravuras e estampas, plantas e mapas, fotografias e cartazes, partituras musicais, espólios literários, mas também moedas e medalhas, porventura globos terrestres, pinturas e alguns objectos insólitos.

Como é possível que estas bibliotecas continuem vivas, desempenhando um papel único e insubstituível relativamente às comunidades que servem e também satisfazendo as necessidades culturais do país?

* Vice-presidente do Conselho Cultural da Universidade do Minho. Antigo director da Biblioteca Pública de Braga.

Para que estas antigas e prestigiadas instituições culturais possam conciliar a sua função patrimonial e de memória com algumas das missões que o Manifesto da Unesco sobre Bibliotecas Públicas preconiza, terão que apostar decididamente na concretização de diversas medidas inadiáveis, que passam pela reabilitação de edifícios e equipamentos, pela preservação e conservação das suas colecções bem como pelo seu desenvolvimento e valorização e, no caso que me interessa focar, pelo aumento dos serviços prestados e pela diversificação dos públicos.

Nos tempos actuais muito dificilmente estas bibliotecas conseguirão enriquecer e desenvolver as suas colecções patrimoniais.

O mercado do livro antigo (alfarrabistas, leilões, etc.) é-lhes praticamente inacessível, as doações e os legados são cada vez mais raros e o mecenato em Portugal, neste domínio, não produz efeitos muito visíveis, exigindo esforços e capacidade de diálogo e sensibilização que só estão ao alcance de raros.

Por vezes a doação de espólios de escritores ou eruditos locais encerra algumas surpresas agradáveis, mas normalmente valem sobretudo pelos manuscritos e arquivos literários que integram.

Estes constituem uma outra modalidade de património escrito que não pode ser desprezado e que, pelas potencialidades de investigação que abrem, muito podem valorizar as bibliotecas que os recebem.

A informatização dos catálogos, a sua difusão e acessibilidade através dos novos suportes da comunicação e a digitalização de obras fundamentais poderão reflectir-se na atracção e na conquista de novos públicos, bem como na fidelização dos que regularmente recorrem a estas instituições da memória (leitores habituais, a comunidade académica, investigadores e bibliófilos).

Revela-se crucial a afirmação do papel de referência que estas bibliotecas podem desempenhar num âmbito regional ou mesmo nacional, a produção de recursos electrónicos (conteúdos) nos vários domínios em que são ricas, o testemunho claro da importância das suas colecções na área das Humanidades (apesar da crise evidente em que este ramo do saber vive) e no apoio que podem prestar nos estudos sobre a história do livro, da cultura e das mentalidades, que são aspectos que devem ser valorizados e estimulados.

Por outro lado é necessário dar vida às colecções que estas bibliotecas públicas souberam reunir.

Às colecções patrimoniais está naturalmente associada a ideia da sua conservação e transmissão ao futuro, mas estes acervos terão forçosamente que ser dados a conhecer no tempo em que vivemos, às comunidades que servem.

As actividades que na sua órbita podem ser desenvolvidas devem incidir tanto no desenvolvimento das práticas culturais das populações como no impulso que transmitem à investigação e, portanto, à cultura e ao conhecimento.

Como escreveu Yves Peiré, *dar sentido e vida às colecções não decorre apenas da sua simples apresentação, mas do valor acrescentado ao seu próprio valor.*

Importa pois valorizar e tornar mais próximos das pessoas os fundos patrimoniais, com o intuito de envolver uma maior parcela da população, sem deixar fugir o público tradicional das manifestações culturais que as bibliotecas promovem.

Convém igualmente nunca esquecer que a biblioteca terá sempre que ser encarada como um espaço físico especial, um lugar de encontros e convívio, pelo que, para além da sua apropriação pelos diversos membros da comunidade, a realização de exposições, manifestações orais (conferências, colóquios, debates, visitas guiadas ou a presença de autores) e outras modalidades de acção cultural terá que merecer uma atenção acrescida.

As exposições, apresentação encenada de documentos, permitem realçar e tornar visível a extraordinária diversidade de fundos de uma biblioteca patrimonial, em todas as vertentes consideradas.

É essencial que a biblioteca conheça as diferentes categorias de públicos que a ela podem acorrer para melhor satisfazer as suas necessidades ou expectativas e simultaneamente surpreendê-los com a descoberta de mundos e conhecimentos ignorados.

A dimensão pedagógica não poderá ser alheia a estas actividades, em especial quando se pretende trabalhar com ou atrair as instituições escolares e universitárias e conseguir um impacto cultural importante.

Enfim, outro aspecto fundamental da política cultural das bibliotecas patrimoniais incidirá na actividade editorial que, mercê das potencialidades dos novos suportes, hoje em dia se apresenta com um âmbito muito mais alargado.

Continuarão a editar-se as publicações tradicionais: inventários, catálogos e bibliografias, reproduções facsimiladas, catálogos de exposições, cartazes,

postais e marcadores, etc. Mas a estes há que acrescentar os novos suportes, os cdrom's, os produtos audiovisuais e multimédia e os documentos em linha.

Com a digitalização e a possibilidade do acesso à distância, a difusão dos produtos da biblioteca torna-se mais exequível e votada a um maior sucesso num mundo crescentemente globalizado.

Convém contudo não esquecer que a biblioteca virtual, se por um lado é uma arma eficaz para a preservação, divulgação e transmissão de muitos documentos, por outro pode ser um obstáculo para a afirmação da dimensão física deste equipamento, cuja vertente convivencial, como espaço de encontro e de partilha, nunca deverá ser esquecida.

Porém não podemos ignorar que se as exposições também se tornarem virtuais, como por vezes já acontece, o número de visitantes e utilizadores até poderá diminuir, com reflexos negativos no próprio turismo cultural e na obtenção de receitas que algumas das actividades das bibliotecas proporcionam.

A história mostra que, desde a sua fundação, estas bibliotecas passaram por transe dolorosos, sofreram incompreensíveis vicissitudes, enfrentaram a ignorância, a insensibilidade, mesmo a tacanhez de diversos poderes, viveram períodos de grande incerteza e indefinição.

Não obstante sempre conseguiram sobreviver e acredito que não será agora que irão soçobrar, dar-se por vencidas. Os bibliotecários pelo menos não costumam desistir, porque estão cientes da importância das instituições em que trabalham e acreditam no seu futuro.

Porém, para o garantir, além da necessidade imperiosa de salvaguardar, de preservar e restaurar o seu património, terão que saber dar vida e visibilidade às colecções, seduzir e conquistar públicos, atrair o mecenato, afirmar o seu papel insubstituível na conservação da memória e na construção e transmissão do conhecimento, enfim, na criação cultural.

Precisam igualmente do apoio e incentivo das comunidades de que fazem parte integrante, ciosas da afirmação da sua identidade cultural, orgulhosas da dimensão simbólica das suas bibliotecas e da importante e por vezes insubstituível parcela da nossa memória colectiva que encerram.

São missões que exigem meios humanos e financeiros, empenhamento das tutelas, competência técnica, capacidade de inovação e certamente muita imaginação e criatividade.